



ARAUTO

1959
JUNHO
ANO II
N.º 13

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1 Comp. e imp. na Tip. do «Correio da Horta»	EDITOR Dr. Tomás da Rosa	ADMINISTRADOR M. Gomes da Silva	REDACTORES José Aica — António Soares J. Sousa Melo — José Azevedo	Redacção e Administração LICEU NACIONAL DA HORTA
---	-----------------------------	------------------------------------	--	---

SEMANA DO ULTRAMAR

A partir de 1 do corrente, comemora-se no país inteiro a Semana do Ultramar, tal como em anos anteriores. Quem há que desconheça o seu alto significado? Um maior conhecimento de todas as parcelas da terra portuguesa contribui de forma eficiente para o estreitamento dos laços que unem as províncias do Império, dispersas no mundo que os Portugueses descobriram, mas sempre irmanadas pelos ideais da mesma alma lusitana, e pelo mar que outrora as caravelas sulcaram.

O «Arauto», dedicando este número à Semana do Ultramar, lembra aos estudantes do nosso Liceu o sagrado dever que cada um tem de procurar conhecer e amar o Portugal Ultramarino, onde irmãos nossos constroem o futuro, ao serviço de Deus nas Missões Católicas, ao serviço da Pátria e da Civilização.

TIMOR

Timor é um verdadeiro padrão de glória, como todos os outros que os Portugueses deixaram no mundo a assinalar a sua passagem. Este padrão é o mais longiquo deixado pelos Portugueses em todas as partes da Terra.



Sua Ex.ª Rev.ª D. Jaime Goulart, distinto picoense que, como Bispo de Timor, vem orientando a acção missionária portuguesa naquela província.

Está situado na Oceania, a Norte da Austrália, e separando desta pelo mar de Timor. É banhado pelo Oceano Pacífico.

A parte portuguesa da ilha tem 19.00 Km.² de superfície. É uma ilha muito montanhosa, e os relevos, segundo se diz, são a sua coluna vertebral.

(Segue na 2.ª página)

Um momento com os poetas

Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da Taprobana...

Camões - Lus., I, 1

Os vossos, mores coisas atentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

Camões - Lus., II, 45

Mas entanto que cegos e cedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltaram cristãos atrevidos
Nesta pequena Casa Lusitana.
De Africa tem marítimos acentos,
E' na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte nova os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

Camões - Lus., XII, 14

O Infante D. Henrique

Em seu tronco entre o brilho das esferas,
Com seu manto de noite e solidão,
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras —
O único imperador que tem, leveras,
O globo mundo em sua mão.

D. João o Segundo

Braços-cruzados, fita além do mar.
Parece em promontório uma alta serra —
O limite da terra a dominar
O mar que possa haver além da terra.

Seu formidável vulto solitário
Enche de estar presente o mar e o céu.
E parece temer o mundo vário
Que ele abra os braços e lhe rasgue o véu.

Fernando Pessoa

Cruzado sou

Cruzado sou, envergo uma couraça,
Jurei meus votos num missal aberto.
Eu me persigno confessando a Raça,
Eu me persigno em nome do Encoberto.

Alto, bem alto, quando a lua passa,
A lua me dirá se o avista perto.
Cruzado sou, envergo uma couraça,
Jurei meus votos num missal aberto.

Meu São Cristóvão de menino ao ombro,
Oh Portugal! — Eu me comovo e assombro...
Em teus braços ergueste o mundo inteiro!

A ti se ergueu meu cántico de esperança.
Pois, na alvorado que na noite avança,
Vem tu vestir-me o arnés de cavaleiro.

António Sardinha

MACAU

Macau é uma possessão Portuguesa de Gloriosas tradições, situada na China meridional, e que nos foi oferecida pelos Chineses no ano de 1557, em paga dos serviços prestados pelos nossos valorosos marinheiros contra os piratas.

Durante o domínio filipino várias nações da Europa começaram a cobiçar Macau, pelo que no ano de 1622 a Holanda mandou uma pequena esquadra para se apossar dela à força das armas.

Chineses devido à sua grande energia e patriotismo.

Mais tarde Vicente Nicolau de Mesquita, jovem tenente de Artilharia, macaense, vendo a ameaça que os Chineses do forte do Passaleão, em terra chinesa, constituíam para Macau, chegou se junto dos seus militares e disse-lhe esta frase patriótica que se tornou histórica: «siga-me quem quiser morrer». E logo 36 voluntários com ele desbarataram os Chineses do forte.

O dia 25 de Agosto de 1849



Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. D. José da Costa Nunes, Vice-Camerlengo da Santa Sé, — e uma das mais notáveis figuras de Prelado do Ultramar Português, que como Bispo de Macau e Patriarca das Índias, desenvolveu uma grande obra a bem da Igreja e da Pátria

Mas Macau, com o patriotismo e o heroísmo dos Portugueses lá residentes, conseguiu triunfar e obrigar os invasores a levantar este cerco, como já o haviam feito anteriormente.

Para evocar essa grande vitória construiu-se em Macau um Monumento comemorativo.

A posse de Macau foi confirmada pelo Governo Chinês no século passado.

Antes disso um Governador de Macau, Ferreira do Amaral, impusera a autoridade portuguesa na Província, sendo assassinado pelos

ficou na história de Macau, e ficou também o nome de Vicente Nicolau de Mesquita, o herói do Passaleão.

A população de Macau é de 246.000 habitantes sendo 225.000 terrestres e 21.000 Marítimos. Os Portugueses são cerca de 5.000.

A produção agrícola é pouca mas sempre há arroz, hortaliças e goiabeyras, sendo as últimas em quintas das ilhas de Taipa e Coloane.

O movimento comercial em Macau é muito grande. A pesca é a principal actividade, havendo por isso muita (Segue na 2.ª página)

SEMANA DO ULTRAMAR

Os Portugueses em Malaca

Em 1509, D. Manuel I ordenou que se dirigisse a Malaca a armada de Diogo Lopes de Sequeira, que foi mal sucedida. Mas em 1511, Afonso de Albuquerque partiu para Malaca com uma armada de 19 velas, 800 portugueses e 700 malabares; chegados lá cumpriram o desejo de D. Manuel, conquistando aquele grande empório comercial, que foi sempre defendido desde esse tempo por portugueses valorosos, como D. Pedro da Silva. Porém em 1640 os holandeses surgem diante de Malaca, e auxiliados pelos naturais, desbaratam a armada de Francisco da Silva e Meneses, e os Portugueses rendem-se, depois de terem lutado até à última, entregando assim aos holandeses em 1641 aquela gloriosa cidade portuguesa.

A importância de Malaca sob o domínio português não se verificou apenas no aspecto político, militar e comercial, mas sobretudo no campo religioso.

A sua diocese compreendia todos os territórios desde o Pegú à China com os arquipélagos de Solor, Timor, Amboino, Banda, Moro e Malucas. O primeiro bispo de Malaca foi D. Frei Jorge de Santa Luzia. Depois de conquistada pelos holandeses, estes proibiram o culto católico e o seus cônegos afastaram-se. Nessa altura a diocese era governada por um vigário capitular que foi eleito por morte do Bispo. Continuou pertencendo o território de Singapura, no qual o Bispo poderia residir, conservando o título de Bispo de Malaca. A diocese que continuou integrada no Padroado Português, ficou sem prelado desde 1918 e desapareceu em 1886, passando as cristandades de Malaca e Singapura para a jurisdição do prelado de Macau. O seu

último Bispo foi D. Frei Francisco de S. Dámaso Guimarães.

Actualmente Malaca está incluída na Federação dos Estados Malaio, conservando contudo, e bem vincadas, numerosas tradições portuguesas.

Nas cidades de Malaca e Singapura milhares de Eurasianos, descendentes de portugueses, falam uma linguagem própria, o dialecto português de Malaca; eis um exemplo desse falar: — *bôs crei comê bento?* (comer vento), o que significa: — *você quer passear?*

Durante a última Guerra dois missionários portugueses da Missão pertencente à diocese de Macau lá morreram na prisão, devido aos maus tratos dos invasores nipónicos. Continuarão assim as gloriosas tradições do velho Portugal missionário.

Não esqueçamos pois, os vestígios civilizadores de Portugal nessa longínqua cidade do Oriente!

António Alves Soares
4.º ANO - B

João de Barros e a historiografia ultramarina

Ao estudarmos a literatura portuguesa do séc. XVI, surge-nos João de Barros, que entre outros, merece destaque pela sua vastíssima obra literária.

É acerca deste nome, que neste número do «Arauto», pretendo dizer umas breves palavras, visto ele ter dedicado o seu trabalho e a sua arte ao Ultramar Português.

Vamos encontrar João de Barros dentro do período do

(Conclusão da 1.ª página)

Renascimento, que se desenvolve em Portugal ao longo do séc. XVI e atinge o apogeu em Camões.

Nascido de uma família de funcionários, Barros foi criado na intimidade da corte, junto do príncipe D. João, empregando-se cedo na administração como tesoureiro e depois como leitor da Casa da Índia.

Recebeu alguns prémios pelo desempenho dos seus cargos e pela sua assidua actividade literária.

João de Barros fez a sua estreia de escritor, ainda jovem, com o apoio do príncipe D. João, mais tarde rei, escrevendo o romance cavaleiresco que intitulou — «Crónica do Imperador Clarimundo, donde os Reis de Portugal descendem, tirada da linguagem húngara em a nossa língua».

Concluiu esta obra em oito meses, declarando ser seu intento exaltar as glórias da monarquia portuguesa, quando mais habilitado se sentisse.

O que caracteriza este romance, considerado o primeiro esboço de poema em Portugal, além da descrição dos combates, dos braços e roupagens que detinham os romances de cavalaria daquela época, é a admiração pitoresca pela terra portuguesa, sendo auriioso notar, para nós Faialenses, a referência do autor à ilha do Faial, quando Clarimundo vai à terra dos seus descendentes e avista uma ilha encantadora e coberta de Faias.

Existem também para as-

tos barcos, os juncos e as lorchas, que servem ao mesmo tempo para a pesca e para habitação dos pescadores. Macau é um dos grandes portos piscatórios do Extremo Oriente.

Os seus estabelecimentos de ensino são muitos, visto que a classe estudante em Macau é de cerca de 30 000 estudantes.

Os principais são: o Liceu «Infante D. Henrique», a Escola Comercial «Pedro Nolasco», uma Escola salesiana de Artes e Ofícios e os colégios, de Santa Rosa de Lima e do Sagrado Coração e sobretudo o Seminário de S. José onde se formam os missionários Portugueses e Chineses.

Este seminário já foi e somos que hoje ainda é um Seminário-colégio com alunos externos. Nele estudaram altas individualidades que não se destinavam à carreira eclesiástica.

Lá se encontra uma fotografia do Marechal Gomes da Costa com a dedicatória: «Ao Seminário de S. José, onde aprendi a ler».

Existem também para as-

istência e beneficência dos seus habitantes 3 hospitais. Macau tem realizado uma obra excepcional de Assistência à população Chinesa. A cidade é muito bela, possuindo vários jardins e muitos chalês e vários monumentos tais como: a Gruta de Camões, evocativa da tradição que diz que o épico lá compôs parte do seu poema. Possui 3 arranha-céus que já foram os maiores do Império Português.

Só há poucos anos é que Lisboa construiu 2 tão altos ou mais altos ainda que os de Macau. Macau continua a ser um lar Português de arregaçado patriotismo que os seus habitantes, têm conservado nos 400 anos de existência da cidade.

Lá se guarda o culto da tradição portuguesa e cristã. Por isso podemos dizer como o notável jornalista de S. Jorge que lá trabalha: «Macau é sentinela do Passado naquelas regiões orientais».

Manuel Mendonça Nunes

(Segue na 3.ª página)

MACAU

Duas respostas

à pergunta de um exercício escrito:

— Porque é que basta ser homem e cristão para compreender o valor dos Jerónimos?

— Porque qualquer homem pode compreender todo o valor dos Jerónimos que foram edificadas no cumprimento de uma promessa de D. Manuel I, quando Vasco da Gama partiu para a descoberta do Caminho Marítimo para a Índia. Todo o homem compreende o significado desta descoberta e as vantagens que ela trazia não só para Portugal como também para toda a Europa.

E pode também compreender, sendo cristão, o significado deste Mosteiro, porque tem a certeza de que, quando partiu a frota para este descobrimento, seguiram também homens com Fé e dispostos a vencer todos os obstáculos com a ajuda Divina.

(Segue na 3.ª página)

TIMOR

(Conclusão da 1.ª página)

O Pico mais alto é o de Rameleau — 2.950.^m Existem diversas cordilheiras, entre elas: Matabia, Kblac, Cailoco, Mundo Perdido, Lacluba. Apesar de estar fora da área vulcânica do Pacífico, contém dois vulcões em actividade, diferentes do nosso. Atiram a altura média de 6 a 7 metros uma coluna de lama. São eles: Bacau e Ocussi.

Possui a ilha águas termais, aproveitadas para a cura de doenças. Timor tem um solo fértil. A terra produz abundantemente. As culturas medram sem grandes cuidados. Os principais produtos agrícolas são o milho, base da alimentação, cultivado em grande escala, e o café. Os principais centros de produção do milho são: Viqueque, Manfai, Beco, Raimera, etc.

O café é exportado para Java. Foi introduzido pelo governador Alceporado e a sua cultura foi aumentada pelo governador Filomêno da Câmara. É mais cultivado em Lacluba, Bolonaro, Lebos, Ossu, Motael.

O arroz, prato de luxo entre os nativos, cultiva-se nos terrenos próximos das ribeiras. Existem duas espécies; o cultivado na várzea, que é inferior ao outro, mas produz mais; o cultivado nas regiões altas, que é de melhor qualidade, mas menos produtivo.

Além destas produções há ainda, frutos, legumes, copra, algodão, tabaco, baunilha, borracha, ricino, purqueira, trigo, todos estes cultivados em pouca quantidade.

As matas produzem ricas madeiras, especialmente: sândalo e pau-rosa. Camões refere-se a esta produção de madeiras em Timor:

E ali também Timor que o lenho me anda.

Sândalo salutar e cheiroso.

Na província há três espécies de indústrias: extractivas,

agrícolas e domésticas.

Das primeiras existem as explorações de cobre e manganês em Birak, e as pesquisas de pequenas pepitas de ouro em Belicuso.

Das agrícolas há o descasque do arroz, o café, e a moagem de milho, e ainda apesar de ser pouco, a do trigo.

É muito notável a indústria da pesca feita em barcos característicos, os «juncos».

Eclesiasticamente, constitui uma diocese com sede em Dili, fundada já depois da última guerra. O seu primeiro Bispo, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} sr. D. Jaime Goulart, distinta figura de missionário, natural da Candelária, ilha do Pico, que tem dedicado o maior esforço ao desenvolvimento espiritual e material da sua diocese. Timor já tem clero. Em Dili há um seminário.

Por ser a mais longínqua filha de Portugal, esta província merece o maior abraço materno da sua querida Pátria.

Virgílio Brum
4.º Ano-B

o Dia da Raça

Em Portugal e no Brasil celebra-se o dia 10 de Junho, homenagem ao Génio lusitano, cuja Obra de excepcional interesse para a Humanidade, ficou imortalizada no livro de Camões.

No nosso Liceu realiza-se uma sessão solene, presidida por Sua Ex.^a o Governador. Possivelmente, representar-se-á uma peça de Canilo.

Nesse dia homenagear-se-á também a grande figura de Carneiro Pacheco, fundador da M. P., fazendo-se a distribuição de prémios aos laureados no concurso em sua honra.

No programa para as comemorações desse dia faz parte uma apresentação desportiva da M. P.

Poetas Portugueses do século XX

Campos de Figueiredo

Nasceu em 1899. Tem escrito em prosa contos para crianças. Distingue-se sobretudo como poeta, e a sua poesia de sentido cristão impôs o seu nome a todo o país. Livros de poemas da sua autoria: — *Poemas do Instante e do Eterno, Poemas de Sempre, O Reino de Deus, Navio na Montanha, etc.*

Carlos Queiroz

Nasceu em 1907 e faleceu há poucos anos. Frequentou a Faculdade de Direito e foi funcionário de categoria elevada na Emissora Nacional. Poeta e crítico, colaborou em várias revistas literárias de Portugal e do Brasil, nomeada-

(Segue na 3.ª página)

São assim os Estudantes...

ESPIONAGEM

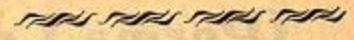
Padre Nosso

do Estudante...

Cábula

Santas férias, que estais tão longe, santificado seja o vosso tempo, venha a nós o vosso dia, sejais gosadas à nossa vontade, assim em casa como na rua. A alegria quotidiana nos dais depois, perdoai-nos da nossa doidice, assim como nós perdoamos a vossa demora, não nos deixeis cair na tristeza mas livrai-nos do dia da volta. Amen.

(Do Jornal «Mocidade Acadêmica» de 19-12-931)



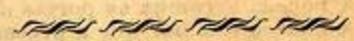
Homo sapiens?

O último número do nosso jornal deu muito que falar pois determinados leitores tomaram para si, sem razão de tal, algumas das piadas inseridas no dito número.

Confessamos que nos esquecemos de indicar que era puro acaso qualquer coincidência entre os «casos» descritos no jornal e os «casos» de realidade.

De um aluno do liceu recebemos a seguinte quadra que vem muito a propósito, pelo que a dedicamos a esses «meninos ofendidos»:

Quem se pica, cardos come. Lá diz o velho ditado, e vocês bem se picaram com aquele atrazoado!



Num exercício de História

4.º ANO B

—Como foi feita a colonização do Brasil?

L. Gonçalves — Foi... foi feita por mar.

Num exercício de Ciências

4.º ANO

—Quais os caracteres dos crustáceos?

—São animais que tem pulmões, não tendo pele e vivem nos buracos das paredes.

Pequena história

Estando um grupo de pequenas (já grandes) a passear no Largo diz uma para a outra em voz alta.

—O bronze derreteu o João S.

Neste momento passa o pai do João que ouviu o que a mexeriqueira tinha dito e disse:

—Aquela menina é uma atrevida.

Nova vaga

No Largo da República foi visto um casal.

Falta-nos averiguar se ela quer ir para marinheiro do Cedros ou se ele espera vaga para sub-chefe da P. S. P.

Não sabemos o que dá mais massa.

À saída da explicação

Man. — Viste o meu rapaz?

Luis — Quem é ele?

Nat. — Eu sei. É o F. V.

Man. — Menina! Faz favor não me provoques. Esse rapaz nada significa para mim.

Esta é boa!

«Americanice»

Chegou-nos uma notícia que nos deixou de boca aberta.

Pois não sabem ainda? Parece impossível que não saibam.

Pois lá vai: 12 meninas do nosso Liceu, estavam todas regaladas a fumar o seu cigarrão (não dizemos o sítio) procurando as meninas mais apropriadas para expelirem o fumo.

É deveras engraçado.

Rapazes, tendes agora de comprar dois maços se quereis ter pares.



Aula de História

4.º ANO - C

Prof. — Quem assinava as «cartas comunais»?

Paiva (cheto de sono) — Era o... o Presidente da Câmara.

Aula de Ciências

4.º ANO - B

Prof. — As ténias passeiam no intestino do homem, não é verdade?

Aluno (muito convencido) — Sim senhor! Até às vezes chegam à boca.

olhos... ele até é capaz de, a pedipo dela, cortar o seu sedutor bigode.

Nova decepção

O S. (desgraçado) tanto tempo perdeu a subir a rua, a ir buscá-la à explicação (de longe) para no fim se declarar e apanhar um daqueles *nãos* de... cair de costas. Não, rapaz, por esse caminho, não tens sorte!

Progredindo

O A. anda muito entusiasmado, já se sabe com quem. Vão progredindo aos poucos. A princípio não saíam da rua do Arco, agora passeia no Largo do Infante.

Conclusão: — a irmã dela estava com um pé torcido.

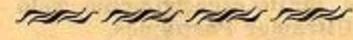
Galheta para um lado, namoro para o outro. E' tal sair da casca!

Pensamento

O amor é mais teimoso que um burro velho.

A quem serve o barrete?

- 1) Quem é a «Gata Escalada»?
- 2) E o «Aventureiro»?
- 3) Qual é o «casal da Malta»?
- 4) Quem é o «Conquistador»?
- 5) Qual o menino que dá pelo nome de «oculista peneirento»?
- 6) Quem é o «refilão»?
- 7) E a menina da «lambreta»?
- 8) Quem será a «futura aviadora»?
- 9) Quem é o «azulha e o anjinho papudo»?



Charles Atlas

O sr. C... .., num dos mais soalheiros dias do mês passado apareceu no liceu com um imaculado chapéu de palha.

Segundo o que, quase em segredo, nos revelou, Charles Atlas aconselha chapéus daquele género aos seus aficionados que, aqui entre nós, na maior parte não devem regular muito bem da «bola»!

Falsa!...

Encontrámos nos extremos da rua de S. João um simpático casalinho, que... para os reconhecermos, tivemos de dar algumas voltas, porque estavam de costas para nós, contemplando o mar... o mar...

Ela é do 4.º ANO-A e foi a que jurou fidelidade e amor a um sujeito que está na América. (Nem que estejamos na Idade Média)!

Grande juramento! Grande Amor! ..

Surpresa

Qual não foi a nossa surpresa, ao encontrarmos a M. S. sentada (descarada) no muro do Largo do Infante com um que já tem divisas amarelas.

Esta não é tola, pensa no futuro.

E subiu de posto... Se continuar a subir, em pouco chegará a coronel.

Só a brincar

O G. parece que anda interessado em obter um alto posto na nossa Infantaria. Ei-lo a rondar o posto de tenente. Já tem um pouco de prática, de marchar. O que nos resta saber, é se ela aceitará que ele siga a carreira militar.

Pode ser que pegue.

Firma...

...«M. e José do Pico Lda.» tem a honra de apresentar, ao seu respeitável público todo o sorteio de calçado moderno.

Tratar com o gerente e sócio José do Pico. Serás capaz de dar um jeito aos teus amigalhões?

Parou?

Parece que o sr. B. (incorrigível conquistador) quer tomar um pouco de juízo, e ei-lo a rondar as proximidades da Acção Católica. Não sabemos se vai parar por ali, mas, como ela tem uns

Justa homenagem

O sr. Elias é um simpático estudante do nosso liceu. Porém, durante as festas do Espírito Santo aquele nosso colega levou a sua simpatia ao ponto de convidar os mais representativos membros dos corpos docente e «indecente» daquele estabelecimento de ensino a provar as afamadas «sopas» de Castelo Branco.

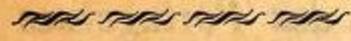
A «malta», claro está, não deixou de comparecer no festim, onde cada um se desempenhou o melhor que pôde.

No fim da jantaramada, os clássicos brindes, como não podia deixar de ser.

Contudo, embora todos soubessem ir assim ferir a modéstia do sr. Elias, um septanista entregou-lhe a Comenda da Ordem das Sopas e nomeou-o Grão-Mestre da Ordem de Benemerência.

Há coisas do arco-da-velha...

X. Y. Z.



???

- Quem será a menina espiro-canivetes do nosso liceu?
- Qual a menina do Magistério que deseja fazer parte dos redactores do «Correio da Horta»?
- Qual o menino do 4.º ANO que deita meia lata de fixador no cabelo?
- Quem será o novo representante da farinha «Nestlé»?
- Qual o menino do 5.º ANO que deu uma galheta e que foi obrigado a pagar o prejuízo?
- Qual a menina do 3.º ANO que anda doida por um menino do Cais do Pico?
- Qual a menina do 3.º ANO que quer fixar residência nos arredores do Largo da República?
- Qual é o rapaz mais peneirento do 5.º ANO?
- Quem é o maior bata-teiro do nosso liceu?

EM APERTOS

Vá p'ra a frente, apertada, apertada, Toca a dar cebo nas botas; Ai Jesus, desgraça certa, Pois nós vamos ver as notas.

E todos gritam assim: Não vou ter média em Francês, Não vou ter média em Latim, Vou-me à gaita desta vez.

E vão assim nesta festa, C'o o suor caindo em boga; Porém se a média não presta O Machadinho é que paga.

Petis

(Do Jornal «Mocidade Acadêmica» de 19-12-931)

O' tu que tens de humano o gesto e tudo, Paga ao nosso jornal um magro escudo, Senão ficas a ser um caloteiro E ouvirás esta voz p'lo mundo inteiro: Cesse tudo o que a musa antiga canta, Que um calote mais alto se levanta.

(Do Jornal «Mocidade Acadêmica» de 31-1-932)

Poetas Portugueses

do século XX

(Conclusão da 2.ª pág.)

mente na tão conhecido *Presença*. Foi Director da revista *Litoral*. Com o livro de poemas *Desaparecido*, alcançou do Secretariado de Propaganda Nacional o prémio Antero de Quental, distinção obtida. Também por Campos de Figueiredo com *Navio na Montanha*.

António Gedeão

Nasceu em 1906 e formou-se em Ciências Físico-Químicas. Pertenceu ao quadro de professores do Liceu da Horta, mas como tal prestou sempre serviço em comissão no Continente. Tem publicado muitos e apreciados trabalhos de divulgação científica, firmados com o seu próprio nome, Rómulo de Carvalho. Com o pseudónimo que o revelou como poeta, escreveu *Movimento Perpétuo* e *Teatro do Mundo*, obras de notável originalidade.

(Poema I do Diário)

Esta roseira que se enlaça
Nos ferros da varanda
É um aviso florido à minha vida.

Na tarde branda esvoaça
Uma ave perdida.

E céu e tarde e ave e rosas, tudo,
Eis a alma em que vendo
Tudo o que lembro e esqueço...

Que aviso foi, à minha alma em Deus,
Na luz da tarde branda
O perfume das rosas na varanda.

Campos de Figueiredo

Teatro da Boneca

A menina tinha os cabelos loiros,
A boneca também.
A menina tinha os olhos castanhos.
Os da boneca eram azuis.
A menina gostava loucamente da boneca.
A boneca ninguém sabe se gostava da menina.
Mas a menina morreu.
A boneca ficou.
Agora também já ninguém sabe se a menina gosta da boneca.

E a boneca não cabe em nenhuma gaveta.
A boneca abre as tampas de todas as malas.
A boneca arromba as portas de todos os armários.
A boneca é maior que a presença de todas as coisas.
A boneca está em toda a parte.
A boneca enche a casa toda.
É preciso esconder a boneca.
É preciso que a boneca desapareça para sempre.
É preciso matar, é preciso enterrar a boneca.

A boneca.

A boneca.

Carlos Queiroz

Desencontro

Que língua estrangeira é esta
que me roça à flor do ouvido?
um vozear sem sentido
que nenhum sentido empresta?
sussuro de vago tom,
reminiscência de esfinge,
voz que se julga, ou se finge,
sentido e é apenas som.
Contracenamos por gestos,
por sorrisos, por olhares,
rodeios protocolares,
cumprimentos indigestos,
firmes apertos de mão,
passeios de braço dado,
mas por som articulado,
por palavras, isso não.
Antes morrer atolado
na mais negra solidão.

António Gedeão

João de Barros e a historiografia ultramarina

(Conclusão da 2.ª pág.)

Este romance, foi uma das fontes que Camões utilizou, ao referir-se ao Conde D. Henrique que diz ser descendente de Húngaros, na estância XXV do canto terceiro de «Os Lusíadas».

Neste período, elaboram-se três grandes histórias dos feitos portugueses no Oriente, também aproveitados por Camões: uma de Fernão Lopes de Castanheda, outra de Gaspar Correia e a de João de Barros, intitulada «Asia», mais conhecida por «Décadas».

Na narrativa histórica do séc. XVI, distinguem-se dois tipos: um propriamente medieval, muito circunstanciado e pitoresco, por isso mais interessante sob o ponto de vista documental, outro influenciado pelo estilo dos historiadores latinos, descrevendo os factos duma maneira geométrica, dispensando os pormenores e apresentando as personagens, como pessoas perfeitas, dignas de serem adoptadas como exemplos, para as gerações futuras.

João de Barros, pertence ao último tipo de historiadores, tendo sido um grande imitador de Tito Lívio, a ponto de ser chamado o *Tito Lívio* português.

A sua obra literária abrange, livros didácticos, destinados à aprendizagem dos nativos do ultramar, entre eles a «Cartilha para aprender a ler», a gramática da língua portuguesa, etc.

Abrange ainda obras de crítica e doutrinação moral, como o «Diálogo da Doutrina Cristã» e o «Tratado das Causas ou Problemas Morais» que não chegou até nós.

Dentro das obras históricas e geográficas, Barros intenta uma vasta enciclopédia histórico-geográfica do Império Português, conseguindo escrever alguns volumes, parte dos quais se perderam.

Esta enciclopédia compunha-se de uma Geografia universal, de um tratado de Comércio e de quatro tratados históricos: um sobre a Europa, outro sobre a África e ainda sobre a Ásia e a América.

João de Barros com esta tentativa, torna-se um representante típico do Renascimento, revelando também as suas intenções didácticas e moralizadoras, trabalhando pelos interesses da Coroa e muito especialmente pelo Ultramar Português.

Todas as qualidades de João de Barros ressaltam na «Ásia», única parte da enciclopédia que chegou até nós.

João de Barros ao escrever este livro tinha a intenção de erguer um grandioso monumento aos feitos portugueses do Oriente, como Tito Lívio o fizera à grandza de Roma e isto levava-o, segundo ele próprio afirma, a «eliminar o cascalho dos feitos miúdos e a seleccionar as pedras lavradas e polidas dos mais ilustres feitos».

Considerando a história

como obra de exaltação nacional, procurou sempre relatar os factos, apresentar apenas aquilo que fosse digno, escondendo os defeitos das personagens e as derrotas.

E para se justificar, apresenta o exemplo de um pintor que sendo encarregado de retratar um príncipe cego de um olho, o colocou de forma a só aparecer na pintura o olho sã.

Barros, mostrando apenas o que de bom havia nos seus heróis, pôs-se ao abrigo das reacções das respectivas famílias, o que não sucedeu com o seu rival Castanheda.

João de Barros, como um dos muitos portugueses que se souberam imortalizar através das suas obras, permanece e permanecerá sempre nas nossas recordações, mas merece neste mês um louvor especial pela muita actividade que dedicou ao Ultramar

Lídia Goulart

Escola do Magistério.

Tragédia marítima dos Portugueses

Na faixa ocidental da Península Ibérica onde a terra se acaba e o mar começa, destaca-se um pequeno mas valoroso torrão afagado pelo Atlântico, que foi o berço duma pleiade de heróis que revelaram mundos novos ao mundo.

Do contacto do mar com este torrão nasceram arroçados navegadores que se fizeram ao mar e graças ao Infante de Sagres destruíram as lendas do «Mar Tenebroso» e levantaram bem alto o seu nome e com ele o de Portugal.

Nestas arroçadas expedições, até então desconhecidas, que despertaram grande entusiasmo e interesse não só a Portugal mas a todo o mundo, verificaram-se a cada passo inúmeros perigos a que os navegadores estavam sujeitos, que inspiraram um famoso poema a Correia de Oliveira — A Nau Catrineta, com base no famoso romance popular no qual se alude às fomes que surpreendiam os Portugueses no alto mar sem possibilidades de se aproximarem de terra, chegando algumas vezes a deitarem sortes a ver qual se havia de matar para servir de alimento aos outros.

Mais do que as fomes eram frequentes os naufrágios como o do célebre Sepúlveda que naufragou com mulher e filhos e se refugiou na costa africana, onde viveram algum tempo alimentando-se de frutos silvestres, até que um dia foram atacados pelos Cafres que os maltrataram e deixaram a senhora completamente despida. Esta enterrou-se ficando somente com a cabeça a aparecer, enquanto o marido procurava frutos e raízes com que se alimentassem, e assim viveram algum tempo, até que exausta ela morreu e o marido se embrenhou na floresta donde nunca mais voltou.

Além das fomes e dos naufrágios os Portugueses ainda estavam sujeitos a ataques, e

Duas respostas

(Conclusão da 2.ª pág.)

E para confirmá-la lá se ergue em Belém e Mosteiro dos Jerónimos.

Alzira Maria Branco

4.º Ano-A

Basta ser homem e Cristão para compreender o valor dos Jerónimos porque os Jerónimos assinalam um passo na comunicação dos povos entre si.

Ser homem é ser arrojado e valente, e que mais dizem os Jerónimos além de arrojo e valentia? Sim, muitos perigos, muitas naus naufragaram antes de contornar a África. Ser Cristão é cumprir fielmente o Evangelho e quem consultar verá as palavras de Cristo «Ide e pregai a todos os povos e Nações» e, o espírito dos Portugueses não pensava só em comerciar, pensava também em Cristianizar, por isso muitos padres acompanhavam os marinheiros para Cristianizar, para levar, àquelas almas sedentas da verdade, Deus, e Deus é a verdade.

Ilda Maria de Melo da Silva

4.º Ano-A

aconteceu várias vezes serem surpreendidos por piratas e calvinistas holandeses até mesmo nos mares dos Açores.

As dificuldades, perigos e descobertas resultantes das expedições dos Portugueses foram objecto de inspiração para alguns poetas como Fernando Pessoa que no seu poema «Mar Português» faz realçar os sacrifícios e dificuldades a que se sujeitaram, não só os navegadores mas todos os Portugueses, o que nos afirmam os seguintes versos:

«O mar salgado quanto do teu sal

São lágrimas de Portugal!»

Foi na verdade uma luta pertinaz entre dois gigantes,

«Quem quiser passar além do Bojador

Tem de passar além do dor...»

mas desta luta saíram vencedores os Portugueses.

Camões foi dos primeiros poetas nacionais que se aventurou a descrever as maravilhas dos Portugueses, não deixando de salientar a luta sobre-humana, sustentada pelo povo lusitano contra os elementos. Sobre tudo no Canto V de «Os Lusíadas» em que nos descreve alguns aspectos trágicos dos descobrimentos condensados no episódio de Manuel Sepúlveda a que já fizemos referência.

Portugal na época dos descobrimentos atingiu o apogeu da sua história, graças aos esforços dos seus arroçados navegadores que não só dilataram a fé mas também o império, contribuindo assim para que a bandeira portuguesa esvoaçasse altivamente em todo o mundo como disse um poeta:

«O pequenino povo foi gigante,

A bandeira das quinas triunfante

Tremulou com assombro em todo o mundo».

Manuel Belém

Escola do Magistério